

"Em busca de um Cinema Util"

Elision Tito

Christian Ziewer, cineasta alemão que durante a semana esteve na cidade acompanhando a exibição de vários de seus filmes e cuja obra dá mesma forma que sua concepção do papel do intelectual, pode servir como ponto de partida para uma discussão sobre o atual cinema brasileiro — principalmente quando a maioria de seus renomados diretores se perdem em acaloradas brigas pessoais — cuja pobreza teórica e irrelevância cultural saltam aos olhos. Nesse particular, seguidos de perto pelos colunistas do cinema brasileiro, críticos de rodapé dos grandes jornais.

Da mesma forma que Fassbinder e Herzog, dois importantes diretores que fazem um trabalho em outra direção, Ziewer é praticamente desconhecido no Brasil, onde seus filmes ainda não entram no circuito comercial.

Em Brasília, Ziewer exibiu *Controle dos Operários* e *Solidariedade de Inquilinos*, dois curta-metragens realizados em 1969, além de *Para Mulheres*, *Querida Mãe*, *Vou Bem* e *Com a Cabeça Erguida*, longa-metragens filmados de 71 a 76.

Curioso pelo Brasil e com muita vontade de conhecer, aprender e trocar idéias com os cineastas brasileiros, ele transitou do Galpãozinho da UnB, explicando e procurando debates a partir da exibição dos filmes. Na *Universidade de Brasília*, mostrou sua obra aos alunos dos cursos de Cinema, além dos professores do Departamento de Comunicação, com os quais assistiu alguns documentários, mostrou os seus e se pôs a par da situação atual do cinema brasileiro, sobretudo da luta travada pelo curta-metragem.

Sem querer admitir que até o momento, nas duas semanas que passou por Salvador e Brasília, o resultado não foi dos mais satisfatórios, Ziewer prefere dizer que ainda é cedo para avaliar a experiência, sobretudo antes de mostrar seus filmes no Rio, Belo Horizonte e São Paulo, os grandes centros.

Mas o interesse de Ziewer não se resume apenas à troca de informações entre cineastas ou no debate com jovens estudantes da classe-média, para os quais exibiu seus filmes, ao contrário do que acontece na Alemanha, onde são mostrados — principalmente os curta-metragens para um público específico, diretamente envolvida com os problemas que aborda a classe operária.

"Em Salvador — explica ele — foi bastante diferente, porque lá existe já alguma tradição, há maior comunicação entre cineastas, estudantes e trabalhadores". Ziewer pôde comprovar isso, na Jornada do Curta-Metragem, realizada exatamente no ICAE, e que contou com a presença de um público bastante heterogêneo.

Afirmando que quer apenas "mostrar uma linha de se fazer cinema", ele acredita que é possível trocar mais informações com cineastas brasileiros, apesar das barreiras sociais e econômicas entre os dois países. Acredita mesmo que tem muito que aprender, além de apresentar seus filmes, pois a natureza dos problemas nem sempre é tão diferente.

Ziewer assistiu A Queda, de Ruy Guerra, filme que achou muito interessante. Mas não viu ainda os filmes de Glauber Rocha, Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Nelson Pereira dos Santos e outros ex-cineamanovistas, que provavelmente também não conhecerão os seus.

FAVELAS

Como essa é a primeira incursão que faz a um país em desenvolvimento, o

diretor de Querida Mãe, Vou Bem, afirma sua disposição "para ver e discutir o máximo que puder". Mas não só isso. Enquanto não está exibindo seus filmes, ele aproveita para conhecer o Brasil que gostaria de ver nas telas e nas preocupações dos cineastas do Terceiro Mundo. "Quero ver os costumes, as mentalidades, o modo de ver, para ir comparando com a realidade que eu vivo e dessa forma alargar mais ainda minha vivência e experiência de cineasta preocupado com problemas sociais e políticos".

Em Salvador, durante a Jornada de Curta-Metragem, ele saiu para ver as favelas da Bahia, a realidade além dos cartões postais, "para verificar o que os cineastas estão filmando sobre ela".

Para Ziewer, o fundamental é que se faça filmes com os verdadeiros problemas brasileiros, capazes de atingir e dizer alguma coisa a qualquer tipo de platéia, mesmo no exterior. Aliás, para conseguir isso é preciso se apegar mesmo à realidade específica do país.

Nesse sentido, ele acredita na luta do curta-metragem, na necessidade de o cinema brasileiro "ir avançando e devorando o imperialismo cinematográfico e cultural dos filmes americanos. Mas faz questão de firmar que a expressão imperialismo cinematográfico, não lhe pertence. É de Jean-Luc Godard. Outra coisa que lhe interessa bastante, não é conhecer ou discutir com todos, mas principalmente com os diretores brasileiros que tenham uma visão cinematográfica e ideológica, mais ou menos semelhante a sua. Mas será que há algum? Ziewer não responde. Prefere esperar a exibição e os debates no Rio, Belo Horizonte, São Paulo e mais alguns outros centros, para avaliar os resultados. Uma coisa pelo menos é positiva. Ele observa bastante, tem muita experiência e o interesse pelas diversas facetas da sociedade brasileira, vai muito além da maioria de nossos realizadores.

PENSAMENTO E AÇÃO

Ziewer é um cineasta que pode ser considerado um intelectual orgânico, conforme postulava o pensador italiano Antônio Gramsci. Nele, o homem e o cineasta não se dissociam, estão unificados pela prática cotidiana de realizar o projeto revolucionário. Subjetividade e história se casam, mantendo viva a dialética entre o ser, o estar e a possibilidade de sua superação, igualmente na prática transformadora do dia-a-dia.

Preocupado com os problemas da classe operária alemã, Ziewer fez todos seus filmes a partir da problemática proletária, expondo seus dilemas, analisando suas contradições e tentando promover, através de uma arte conscientemente orientada, a ampliação do seu horizonte revolucionário.

Ele começou pelo teatro, ao mesmo tempo em que trabalhava em fábricas como eletrotécnico, em Berlim. E foi no teatro que se aprofundou nas leituras de Bertolt Brecht. do qual retiraria depois muitos ensinamentos para empregar nos filmes de curta-metragem. Ele explica seu interesse posterior pelo cinema, como a abertura técnica que o veículo oferece bem como sua possibilidade maior de atingir o grande público. Interessadís-

simo pelas questões políticas e sociais, Ziewer trocou o teatro pela maior capacidade de alcance do cinema.

Em 1964, antes mesmo de começar a frequentar a Academia de Cinema de Berlim, ele fez seu primeiro filme. Um curta-metragem de ficção, mostrando o primeiro dia de serviço de um empregado dos Correios, após o retorno das férias. Ziewer procurou analisar suas reações e seu comportamento, nesse primeiro dia de retorno ao trabalho, sobretudo diante da realidade de ter que trabalhar mais um ano, para poder descansar 30 dias.

Quatro anos depois, Ziewer, que era da primeira turma de estudantes da Academia e que já estivera na Suíça estudando Teatro, foi jubilado, por motivo político já no final do Curso, junto com metade da turma. Era a época do movimento estudantil europeu e Ziewer não ficou alheio à política universitária.

Como eletrotécnico, o futuro cineasta já trabalhava nas fábricas, das quais extrairia toda a temática de sua obra. Nessa época ele participou de um Projeto da Escola Superior de Pedagogia, que desenvolvia trabalho de grupo nos bairros de Berlim. Além de pesquisas socio-econômicas, ele realizou alguns documentários.

Ziewer explica que sua transição para filmes de longa-metragem se deu a partir da realização de uma proposta surgida na Tv Alemã para a realização de filmes que fossem estudos sociológicos sobre determinados problemas, como a situação dos velhos e das pessoas no trabalho. Daqui, saiu Querida Mãe, Vou Bem, primeiro filme e uma trilogia com *Campanhulas Brancas* (florescem em Setembro (há exibido aqui) e *Com a Cabeça Erguida*.

Proibido de vir ao Brasil, Ziewer tem um filme recente, que focaliza o problema dos operários chilenos que vivem na Alemanha, sua obra mais recente.

Sem abrir mão da intenção didática e política, ele explica que seus longa-metragens foram concebidos para serem mostrados ao grande público, daí a diferença na forma da dramaturgia e da montagem.

Sua obra, junto com a de outros jovens cineastas é conhecida como uma das mais importantes tendências atuais do cinema alemão, e reconhecida como pertencente à Escola de Berlim, classificação que vai além do rótulo puro e simples, já que a Academia de Berlim, junto com Munique, é o maior centro cinematográfico da Alemanha.

Ziewer, que além de excelente diretor, possui a capacidade (para os cineastas brasileiros) de explicar os processos de sua arte, recorrendo sobre seus filmes e, com a mesma qualidade, um discurso sólido em profundidade, sempre com um manuseio ágil do materialismo dialético. É a familiaridade com o pensamento dialético aliado à longa experiência com os operários, que permite a Ziewer sair-se muito bem, ao tratar de problemas como o didatismo na arte, as técnicas de fazer um filme, e os problemas de recepção por parte do público.

Em Querida Mãe, Vou Bem, misto de documentário e ficção que trata dos problemas operários, durante uma época de recessão econômica, ele combina o destino individual de um operário com os mecanismos sociais supra-pessoais, mostrando suas dificuldades em obter informações sobre a política econômica da empresa onde trabalha e da situação geral da sociedade, o que dificulta a organização. Dos tempos de trabalho da sociedade, o que dificulta a organização.

Dos tempos de trabalho nos bairros, ele aprenda que os operários têm grande capacidade de assimilação e vontade de aprender, desde que as obras se baseiam em sua situação concreta e nas necessidades imediatas da classe. Daí que ele adotou uma forma narrativa épica, que não permite ao espectador se identificar com o personagem, mas refletir sobre a ação. É o efeito de "estranhamento" brechtiano transposto para o cinema.

Sem pretender convencer, mas fornecendo impulsos para a intensificação do processo de percepção da dialética entre a existência individual e a produção, Ziewer utilizou atores operários, leigos, que a partir de sua própria vivência ajudaram no resultado final da obra. "Muitos atores conhecem um repertório de tipos de comportamento burguês, porém os modelos de reação proletária lhes são tão estranhos que mesmo com trabalho intenso de ensaios, não é possível vencer esta falha", explica.

A partir de Querida Mãe, onde mostra que na greve os operários vivem a sua união de classe vem da opressão da empresa e da luta pela mudança de sua situação, Ziewer explica o que chama de "filmes úteis", esboçando sua opinião sobre a função da arte. Para ele, filmes úteis "são aqueles que nos ajudam a mudar nossas condições de vida, que nos mostram que as condições de vida podem ser mudadas. Não representam o mundo como um complexo de objetos prontos, mas como um complexo de processos. São aqueles que mostram como as condições de vida podem ser mudadas, não pela receita dogmática de normas aos homens, mas desenvolvendo a consciência da realidade a partir do movimento desta realidade e iniciando novas ações correspondentes às idéias resultantes desta consciência".

Em Com a Cabeça Erguida, ele descreve quatro dias na vida de um operário, cuja fábrica resolve fazer greve sem acordo com os sindicatos, e que se vê questionando sua identidade moral e ideológica. Preocupa Ziewer "como é que os fenômenos sociais se refletem na vida particular e nas relações 'as pessoas'". Ele acredita que "a maioria das pessoas é unida pela saudade de se emancipar das dependências e pressões de adaptações, para dar a si mesmo um valor".

A aflição do operário de Com a Cabeça Erguida, não é somente particular, mas tem suas origens em várias condições não-particulares: a greve, sua origem pequeno-burguesa, seu nível de vida, a família, o consumo, o trabalho e finalmente a honra. "Mas uma honra proletária e correlacionada com as exigências da luta proletária. Mesmo que de forma individualista, ele chega a conclusões sociais e portanto políticas", explica Ziewer.

Na sua opinião, "um cineasta político, quando realista, não se vê como sensacionalista, nem como professor dono da verdade". É o maior resultado do trabalho de mostrar em seus filmes a dialética entre a adaptação e a resistência da classe operária, entre a persistência na aceitação da opressão e a continuação da luta de libertação, está no comentário de um operário após assistir Querida Mãe: "Quando vejo isto, então ao mesmo tempo penso em muitas outras coisas. Naquilo que vi anteriormente, naquilo que vivi e naquilo que deveria ser diferente".